

POLÍTICA

*O ministro do Exército
viaja hoje, mas antes recebe a
solidariedade de cinco mil
homens, enquanto Sarney reclama
mais apoio e o PFL se divide
entre o governo e as eleições gerais.*

Tensão, muitos recados e desmentidos.

A conturbada semana política em Brasília não terminou ontem com a rejeição do presidencialismo pela Comissão de Sistematização. Hoje, o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, viaja para a Grã-Bretanha para uma visita oficial de dez dias. Antes, porém, receberá a manifestação de "solidariedade, coesão e apoio" na Base Aérea, às 8h30, de cerca de cinco mil homens do Exército, inclusive todos os oficiais gerais da guarnição de Brasília. Segundo um dos organizadores do evento, a iniciativa é inédita no atual governo, mas acontece exatamente em função da situação crítica em que o ministro é obrigado a deixar o País, quando o Exército vive um momento tenso.

Dentre os oficiais gerais que estarão presentes ao evento está o próprio ministro interino do Exército, general Ivan Dentice Linhares, que atualmente exerce as funções de comandante militar do Sudeste (com sede em São Paulo) e que conta com uma das mais importantes tropas do País. Sua nomeação já saiu publicada no **Diário Oficial** e, embora não seja o mais antigo dos generais de Exército, sua escolha foi justificada pelo fato do general mais antigo, Ericssen da Fonseca, encontrar-se atualmente com seu nome indicado para uma das vagas do superior Tribunal Militar.

De qualquer forma, há dez dias, atrás, quando o ministro Leônidas Pires viajou para a Arábia Saudita, quem ficou em seu lugar foi o general Ericssen da Fonseca, secretário de Ciência e Tecnologia e que, no mesmo dia do embarque, já tinha seu nome no protocolo do Planalto, como candidato ao STM. E tampouco houve aparato militar no embarque do Ministro do Exército, embora na sua ausência um capitão tenha cercado e invadido a prefeitura de Apucarana, enquanto outros dois, numa entrevista posteriormente desmentida, falavam num plano de explosão de bombas em instalações militares no Rio de Janeiro.

Por determinação do ministro Leônidas Pires — via informativo sigiloso —, a cúpula do Exército continua atenta a todo e qualquer tipo de manobra de suas unidades, especialmente neste final de ano, quando são mais frequentes os exercícios e treinamentos. Assim, nesse clima é que o general Leônidas vai à Grã-Bretanha (a autorização para que se ausentasse do País saiu há mais de dois meses) "em viagem estritamente profissional", segundo uma lacônica nota do Centro de Comunicação Social do



Leônidas

Alceni

Exército, devendo ser recebido pelo ministro da defesa, Yam Stewart e pela primeira-ministra Margaret Thatcher.

Ainda ontem, podia-se notar algumas manifestações de elogios à recente entrevista concedida pelo ministro do Exército, no Palácio do Planalto.

Entende o deputado Paes de Andrade (PMDB-CE), 1º secretário da Câmara, que ela foi "uma advertência clara e enérgica às forças de direita que tentam se reagrupar, ameaçando a estabilidade institucional". O deputado está convencido de que não há clima, no momento, para golpes no País, mas a turbulência própria desta fase difícil de acomodação de terreno, também reconhecida pelo ministro, impunha a necessidade dessa manifestação.

Desmentidos

Até mesmo o ministro-chefe do Serviço Nacional de Informações — SNI, general Ivan de Souza Mendes, saiu de seu habitual silêncio para refutar uma especulação. Pediu ao porta-voz da Presidência da República, Frota Neto, que transmitisse um recado, onde ele nega que tenha afirmado que as Forças Armadas querem eleições diretas em 1988. O ministro não se encontra com o senador José Richa há quase um mês, disse Frota, para negar notícia publicada no **Jornal do Brasil**, segundo a qual o senador teria repetido a afirmação que ouviu do general do SNI.

De acordo com o porta-voz, o chefe do SNI não pode falar em nome das Forças Armadas, nem acredita que elas tenham as preocupações que lhes são atribuídas pelo noticiário.

Se a semana foi de desmentidos e ataques verbais de alguns setores, o dia, ontem, esteve propício para recados, a começar pelo do presidente Sarney, em seu programa semanal "Conserva ao pé do rádio".

— É preciso acabar com a ilusão de que a estabilidade e o desenvolvimento nacional devem ficar por conta e risco do presidente. Isso só acontece em regime totalitário — acentuou, completando sua afirmação de que a manifestação

do PFL amplia o apoio de que o governo precisa e que há um mês vem reclamando dos partidos e das lideranças políticas do País, nesse momento de dificuldades.

Um outro desmentido, também nesse quadro confuso dos gabinetes. O ministro Aureliano Chaves, das Minas e Energia, negou que em seu discurso na reunião do Diretório Nacional do PFL tivesse defendido a antecipação das eleições diretas. Segundo ele, sequer citou a palavra eleição em seu discurso, referindo-se tão-somente à necessidade de acelerar a transição ou, em outras palavras, votar logo a Constituição.

Pró-diretas

Se o ministro e presidente de honra do PFL procurou deixar clara sua posição, a ala dissidente do PFL, vencida anteontem na reunião, participa, na próxima quarta-feira, em Brasília, da reunião do Pró-diretas, comandado pelo senador Affonso Camargo (PR), ex-PMDB e atualmente sem partido. A informação é do vice-líder do PFL na Constituinte, deputado Alceni Guerra, que disse, em Curitiba, que cerca de 35 dos 117 deputados do PFL devem estar presentes à reunião.

O deputado voltou a defender a realização de eleições presidenciais, logo após o término dos trabalhos da Constituinte. Segundo ele, a proposta de diretas para presidente — e até mesmo a de eleições gerais — "vem ganhando corpo dentro do PFL".

A afirmação procede, pois, na terça-feira, os deputados José Thomaz Nonó (AL), o próprio Alceni, Mário Assad (MG) e Sandra Cavalcanti (RJ), deverão formalizar a renúncia em conjunto à vice-liderança do partido. "Não podemos ficar, se não merecemos a confiança do líder" — disse Alceni. (O líder José Lourenço trabalha em tempo integral para reunir o maior apoio possível ao presidente Sarney na sua bancada.)

Mesmo assim, o PFL gaúcho deve declarar em breve o rompimento com o governo e entregar os cargos federais que ocupa no Estado, segundo defendeu, em Porto Alegre, o líder da bancada na Assembléia, deputado Germano Bonow.

Um desmentido final. O líder do PFL no Senado, Carlos Chiarelli, favorável ao rompimento com o governo, negou que tenha renunciado ao cargo pelo fato de o líder José Lourenço (na Constituinte) ter tentado substituí-lo na Comissão de Sistematização para evitar seu voto favorável ao parlamentarismo.